



## Relato de Experiência Etnográfica - Projeto "Arte Guarani Mbyá do Rio de Janeiro"

A proposta desse relato é apresentar o trabalho realizado pela equipe multidisciplinar do Programa de Estudos dos Povos Indígenas/EDU/ UERJ, que em parceria com o Museu de Folclore Edison Carneiro/CNFCP/IPHAN, e com recursos da Petrobrás, desenvolveu, durante 2002/2003, o Projeto "Arte Guarani Mbyá".

No âmbito da produção cultural, o projeto se responsabilizou pelos seguintes objetivos: valorizar o artesanato tradicional, buscar a melhoria dos objetos, organizar a produção e identificar centros para comercialização do artesanato.

Com a missão de implantação desse projeto, membros da equipe percorreram durante vários meses as aldeias Guarani do litoral sul do estado do Rio de Janeiro.

Os Guaranis estão distribuídos em quatro aldeias situadas nos municípios de Angra dos Reis e Parati: Aldeia Sapukai, em Angra dos Reis; Aldeia Araponga, Aldeia Itatim e Aldeia Rio Pequeno, no município de Parati.

A idéia inicial do trabalho de campo foi a de sensibilização dos índios para o fato de que são produtores de cultura e, sobretudo, levá-los a assumir uma posição consciente de guardiães de sua própria produção. Assim, levamos dois meses realizando sistematicamente, em cada aldeia, reuniões para definir estratégias de trabalho.

Aprendemos, com a convivência, a respeitar outro ritmo de tempo e compartilhar os espaços sempre cheios de crianças, cachorros, galinhas, fumaça...

Passamos a responder repetidas dúvidas e preocupações, tentando ganhar a confiança dos Guaranis, dividindo tarefas e participando das atividades diárias da comunidade.

Maria Helena Cardoso de Oliveira\*  
Valéria Luz da Silva\*\*

### Resumo:

O Projeto "Arte Guarani Mbyá" foi concebido a partir de um trabalho realizado pela equipe do Pró-Índio, onde se constatou que a vida Guarani, seus mitos, sua organização social, sua organização econômica, seu cotidiano e até mesmo as relações interculturais que estabelecem estão profundamente relacionadas com a produção e a venda do artesanato. A metodologia de trabalho priorizou os aspectos culturais, tradicionais, sociais e históricos do artesanato Guarani como veículos para se chegar a um aprimoramento técnico e gerencial que permita uma otimização da geração de renda destas comunidades e uma melhoria efetiva de sua qualidade de vida, aliando tradição e inovação, preservação e mudança.

**Palavras-chave:** Guarani – artesanato – etnográfico – intercultural.

\* Pesquisadora do Pró-Índio. E-mail: helenaoiver@ig.com.br

\*\* Museóloga do Pró-Índio.

Grande parte das informações obtidas foi proveniente de oficinas temáticas realizadas com a comunidade, bem como: de observações, coleta de dados e de registro fotográfico obtido nas unidades familiares (joapygua).

As oficinas temáticas revelaram o modo de expressão cultural referentes à origem dos objetos, materiais e ferramentas utilizadas, aos processos de confecção, como também, os mecanismos internos e externos de comercialização.

À medida que transcorria o tempo e, com o olhar bem atento, passamos a perceber que para se entender os Guaranis, deve-se ater à dimensão do sagrado. É ela que guia e pauta o seu modo de ser. Todos os gestos do cotidiano, por mínimos que possam parecer, estão impregnados pela presença de Nhanderu, criador de tudo, que forneceu aos Guaranis os instrumentos necessários para levar perfeição ao mundo da criação. Assim, a vida da tribo Guarani está determinada por regras que precisam ser cumpridas, para que se possa estar em harmonia com o criador - regras essas que pautam a alimentação, o contato entre as pessoas e os ritmos diários.

## O Artesanato

O artesanato Guarani é produzido a partir da retirada de diferentes materiais nas matas próximas às aldeias e quase sempre os homens que coletam.

As mulheres Guarani participam mais ativamente das práticas ligadas ao artesanato, se envolvem desde a seleção das sementes, a escolha das cores para a cestaria, a confecção até a comercialização. (foto 02.)

Hoje, o artesanato confeccionado não é usado no cotidiano, mas a presença e o uso de alguns objetos são fundamentais nas práticas religiosas que acontecem na Opy (casa de reza).

A maior parte da produção do artesanato é para comercialização. Atualmente, essa venda, é considerada pelos índios a mais importante fonte de renda.

A produção artesanal é nuclear, cada família se responsabiliza em produzir e vender seu artesanato. No entanto, nem todo mundo faz, nem todo mundo sai da aldeia para vender. Nas aldeias e entre elas, existe uma rede de troca em relação ao trabalho do artesanato.

Para a confecção dos objetos, levantamos uma lista das espécies mais utilizadas como matéria-prima: a taquara e a taquarinha são matéria-prima na confecção da cestaria; as fibras de imbirá são utilizadas na confecção da corda dos arcos (guyrapá) e dos cestos (adjaká); do caule da imbaúba (ambay) são produzidos paus-de-chuva (oky renorá); com as cabaças fazem chocalho (mbaracá) e o cipó-imbé usado na trama do trançado e como arremate.

Os objetos são, em sua maioria, cestos, colares, pulseiras, arco e flecha, chocalhos, abanadores, zarabatanas e esculturas de madeira.

Durante a pesquisa de campo, contamos com a colaboração e participação efetiva de educadores Guarani. O professor Guarani Verá Nhamandu Mirim (Sérgio da Silva), organizou uma pesquisa realizada nas aldeias com os mais velhos, descrevendo o poder sagrado dos objetos.

Conforme a pesquisa, os objetos mantêm o poder sagrado da matéria original e do elemento ou ser representado. Um colar, por exemplo, simboliza a pessoa, a ligação que ela tem com Nhanderu e serve para reforçar o espírito e a memória. A pulseira feita com sementes tem o efeito de prevenir as doenças, diminuir a dor de cabeça e aliviar o peso de alguma situação difícil.

Diversas sementes, como lágrimas-de-nossa-senhora (kapiá), olho-de-boi, pau-brasil-domato, pretinha (yavau), são usadas na produção de colares, brincos e pulseiras, além, de apresentarem propriedades medicinais intimamente relacionadas com os ritos religiosos.

## Cestaria

De modo semelhante ao que ocorre em outras sociedades indígenas, os Guarani têm na cestaria um modo de expressão.

A cesta Guarani (*adjaká*) é imprescindível nos rituais de batismo, quando o pão de milho (*mbojapé*) feito para a ocasião é posto no cesto e fica durante 24 horas na casa de reza (*opy*), local mais sagrado da aldeia. O pajé (*opyriguá*) chama as crianças que vão receber o nome, quando a cesta proporcionará alimento para o espírito que, satisfeito, proporcionará ao nome ser bem-cuidado, bem-recebido. No dia seguinte, os pãezinhos serão dados aos pais das crianças. É a cesta que

leva o alimento para o espírito; por isso, deve ser respeitada como uma peça sagrada. (Verá Nhamandu Mirim, aldeia Parati mirim)

O processo de trabalho da cestaria inicia-se com a retirada da taquara, a raspagem da casca, para só então, cortar e produzir tiras uniformes, na largura e espessura, em uma operação que exige precisão de movimentos. Para descortinar a taquara, além das mãos, e de uma faca, as mulheres Guaranis usam os pés e até a boca.

Em seguida, as tiras são tingidas. Geralmente são utilizadas cores fortes como o roxo, o vermelho, o verde, o amarelo; quando secas ao sol, estarão prontas para serem trabalhadas no trançado. (foto 011.)

### O trançado

Trançar é um ato solitário, mesmo que cercado de crianças, exige atenção, paciência e dedicação. A cestaria Guarani é feita com rigorosa simetria gráfica e com muito capricho. (foto 035)

Através das técnicas do trançado, vários motivos geométricos podem ser criados, todos com um significado simbólico específico. Há padrões geométricos bastantes elaborados e diferentes, que definem o trançado. Classificados como padrões geométricos tradicionais: o ypará korá, que representa o desenho das costas de uma cobra (padrão 04.), ypará jaxá, dá idéia de um movimento infinito (padrão 11.) e o ypará ixy, representando o caminho da cobra (padrão 25.), aparecem freqüentemente nos trançados.

No levantamento do acervo Guarani, realizado pela equipe do Pró-Índio, no Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE/USP), registrou-se mais de dez formas geométricas diferentes realizadas na cestaria.

### Esculturas

Além da cestaria, a escultura em madeira também faz parte do acervo artístico Guarani. A escultura é um trabalho exclusivamente masculino.

Os Guaranis fazem esculturas de animais em angico ou caxeta, às quais atribuem seus significados culturais. (foto 020)

O tatu esculpido em madeira transmite força para realizar as tarefas diárias; o tucano, refor-

ça a amizade, ajuda a pessoa a se aproximar dos verdadeiros amigos; o papagaio, ajuda a entender os outros; a cobra é sinal de algum acontecimento especial, podendo ser bom ou ruim. Após sonhar com cobra, não se deve esquecer o sonho: é uma maneira de se respeitar o animal. Não é bom ir ao mato ou fazer qualquer atividade, sobretudo se ela for muito necessária. (Verá Nhamandu mirim, aldeia Parati-mirim)

### A Exposição

Os objetos, a etnografia produzida sobre eles e a documentação fotográfica, foram sistematizados e apresentados na exposição Arte Guarani Mbyá, realizada na Sala do Artista Popular (SAP) - Museu de Folclore Edison Carneiro.

A realização dessa exposição, a edição de cartões postais, catálogos etnográficos e de vendas, foram eficazes instrumentos de agregação de valor e retorno de benefícios para os Guaranis.

Os objetos da exposição, cuidadosamente planejada pelo Designer do Museu, pareciam transportar o visitante ao universo Guarani.

A exposição pretendeu chamar atenção para a beleza e para a rede de saberes que envolvem a produção do artesanato Guarani, sugerindo ao visitante uma convivência de respeito e de admiração com as diversidades culturais.

Os Guaranis participaram da exposição e venda, produzindo mais de 1000 peças. O artesanato pôde ser visto e adquirido por centenas de visitantes. Os objetos à venda continham uma etiqueta com especificações de autoria, preço e telefone para contato. Até hoje, a lojinha do Museu garante uma fonte de renda para os Guaranis, revertendo integralmente o valor pago pelas peças.

### Avaliação da 1ª etapa:

1 - Parte da exposição apresentada na SAP, foi levada às aldeias. As mulheres, que lideram e dão vida a este trabalho, avaliaram de forma positiva. Muitas delas deixaram de se expor nas ruas de Angra dos Reis e Parati, na tentativa da venda de uma peça ou outra. A loja do museu garantiu, mesmo que mínimo, um pagamento por mês.

A exposição ajudou a divulgar o trabalho, além da loja do museu, outros pontos comerciais entraram em contato, interessados em vender o artesanato.

Ao olharem as fotos expostas, os Guarani expressaram satisfação, ficaram durante muitos minutos se olhando e conversando, em sua língua, sobre o que estavam vendo, concluíram em português: "gostamos".

2 - Os Guarani presentes na inauguração da exposição, comentaram sobre a receptividade do público e os elogios recebidos.

3 - Algumas escolas da rede pública e privada, de Angra dos Reis, Parati e do Rio de Janeiro, convidaram os professores Guarani para falarem sobre o artesanato.

4 - Foi organizado, na UERJ, o *Seminário Arte Guarani Mbyá - trançando memória*, trazendo a fala, a experiência dos índios e também dos profissionais envolvidos com o projeto.

## **Qualidade do artesanato – 2ª etapa do trabalho**

Para que o artesanato indígena tenha uma melhor aceitação no mercado consumidor, é preciso que ele tenha boa qualidade.

Pensando nisso, a equipe do Pró-Índio, desenvolveu, com o conservador e restaurador do Museu de Folclore, estratégias de combate às infestações de fungos e insetos nos materiais utilizados, procurando assegurar os conhecimentos tradicionais.

Nas oficinas de beneficiamento, constatamos, em relação às infestações de insetos nas fibras, que a região apresenta uma área muito úmida, dificultando a conservação dos objetos.

Para combater o problema, além de cortar a taquara no período da lua minguante, era necessário tomar outras providências: a matéria-prima e o artesanato já pronto, precisava ser guardado em locais mais secos.

## **Espaço para o artesanato**

O reconhecimento da necessidade de tratamento dos objetos produzidos, possibilitou, depois de muitas reuniões, que os Guarani decidissem pela criação de um espaço físico na aldeia

destinado às atividades relacionadas à visitação, à produção, à conservação e à venda do artesanato.

Tal demanda, motivou-nos a procurar parceiros interessados na implantação da proposta para construção de um espaço.

## **Exposição itinerante**

A exposição Arte Guarani Mbyá se transformou em uma exposição itinerante. Para tanto, o Pró-Índio organiza um cronograma de circulação, procurando atender às várias instituições que nos procuram.

Cada montagem é considerada como um experimento museográfico. No Espaço Angra – Eletronuclear, não foi diferente. O local foi inteiramente remodelado para abrigar a exposição. Hoje, esse espaço é referência indígena no Município de Angra dos Reis.

Ressaltamos que esse trabalho está apenas começando, pois ainda há muitos dados acerca do artesanato Guarani que devem ser pesquisados.

Nosso desafio agora, é promover caminhos para a auto-gestão dos índios em relação ao artesanato, com a conquista de espaços de difusão e de vendas permanentes.

## **Bibliografia:**

- 1 - LADEIRA, Maria Inês. "O caminhar sobre a luz": o território Mbyá à beira do oceano. 1992. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – PUC/SP. São Paulo, 1992.
- 2 - LITAIFF, Aldo. *As divinas palavras: identidade étnica dos Guarani-Mbyá*. Florianópolis: Ed.UFSC, 1996.
- 3 - Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular. *Arte Guarani Mbyá/ pesquisa e texto pró-índio*. Rio de Janeiro: Funarte, 2002.
- 4 - Chamorro, Candida. *O rito de nomeação numa aldeia Mbyá-Guarani do Paraná*. Diálogos, DHI/UEM, 02:201-216, 1998.
- 5 - Ciccarone, Celeste. *Revelações sobre a terra: a memória dos Guarani/comunidade indígena Tekoha Porá*. Vitória: UFES, 1996.
- 6 - Ribeiro, Berta. *Dicionário do artesanato indígena*. São Paulo: Ed. da USP, 1988.
- 7 - Albert, Bruce e Ramos, Alcida Rita (orgs). *Pacificando os brancos*. São Paulo: Ed. Unesp: Imprensa oficial do Estado, 2002.
- 8 - Barros, Armando Barros (org). *Projeto Ará/Reko: formação de professor Guarani mbyá para as escolas diferenciadas indígenas*. Niterói: UFF, 2003.

9 - Suhrbier, Mona e Ferreira, Mariana. A poética da fome na arte Guarani. São Paulo:USP - MAE, nº 10, 2000.

10 - Santos, Milton. A natureza do espaço: técnicas e tempo, razão e emoção. São Paulo: Ed. USP, 2002.

**Abstract:**

The Project "Guarani Mbyá Art" was conceived starting from a work accomplished by the team-work of the Pro-Indian, where it was verified that the life Guarani, myths, social organization, economic organization, daily one and even the relationships intercultural that they establish are deeply related with the production and the sale of the craft. The work methodology prioritized the cultural, traditional, social and historical aspects of the craftsmanship Guarani as vehicles to arrive to a technical and managerial betterment that it allows a great generation of these communities income and an effective improvement of its life quality, allying tradition and innovation, preservation and change.

**Keywords:** Guarani – craftsmanship – ethnographic – intercultural

